



Ano XLIV | Edição nº 307 | Março 2017

# revista **Kalunga**<sup>®</sup>

[www.kalunga.com](http://www.kalunga.com)



# Mulheres

O melhor e o pior delas

**Entrevista**

Memórias de um exílio interminável

**Cotidiano**

Outono, não se perca pela estação



# Soldadinhos de CHUMBO

A pesquisadora Maura Palumbo faz um comparativo sobre os **valores das mulheres** "em tempos de guerra" e no Nazismo e as dos dias atuais

por Margarete Azevedo

**EM UM PARALELO COM A** gramática portuguesa, durante um longo tempo da história da humanidade, a mulher foi o "sujeito oculto" da oração. Era o sexo frágil associado apenas aos cuidados com a família, enquanto o homem era o ser aparente, viril e provedor. Esse quadro começa a sofrer modificações com a Segunda Guerra Mundial e, antes mesmo dela, na Alemanha nazista. A constatação é da escritora Maura Palumbo, que escreveu *O Perfume das Tulipas*, após nove anos de intensas pesquisas sobre o regime imposto por Hitler. A partir do livro, é possível enxergar algumas similaridades entre as mulheres do Reich e as atuais, conforme a pesquisadora.

Aliás, antes mesmo do conflito mundial, na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a mulher já era treinada e habilitada para o

combate. Durante a Segunda Guerra, elas passam a desempenhar todos os tipos de funções, não só nos campos de batalha, mas também nos postos de trabalho antes destinados aos homens. Nos Estados Unidos, por exemplo, em algumas fábricas da Ford, os quadros de funcionários são formados apenas por mulheres. Enquanto isso, nas frentes de batalhas, elas não são só enfermeiras. Na Inglaterra, voluntárias formaram tropas de infantaria à espera de uma invasão, que felizmente não ocorreu.

Já na Alemanha do 3º Reich (período entre os anos de 1933 e 1945), sob o controle de Adolf Hitler e do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista, muitas mulheres circularam em torno do poder antes e durante a ascensão do

regime. Nesse rol, estavam Leni Riefenstahl, Lida Baarova, "Mitzi" Maria Reiter e Unity Mitford, esta britânica de origem. Prima da esposa de Winston Churchill, ela se encantou pela oratória de Hitler quando trabalhava em Munique. Não demorou para se aproximar dos nazistas mais influentes e se tornar rival de Eva Braun, companheira de longa data do Führer.

"A Leni Riefenstahl foi fotógrafa particular do Hitler. Ela fez toda a cobertura das Olimpíadas de 1936, em Berlim. Depois passou a ser cineasta do Nazismo. Morreu aos 103 anos. Foi bastante discriminada, pois sempre se recusou a falar o que sabia das atrocidades. Ela era uma figura-chave, pois o Nazismo foi construído a partir de uma forte propaganda de coação; havia um poder de persuasão fantástico e aquilo foi se im-



Maura: "E tinham necessidade de servir o Reich de maneira gloriosa".. Na outra página, monumento às mulheres guerreiras, em Londres; elas no campo de batalha e na produção

desse massacre que eu defino como industrial. E tinham necessidade de servir o Reich de maneira gloriosa, quer dizer, quando se sobressaliam eram

congratuladas. A mesma mulher que amamenta uma criança mata outras. E houve mulheres que realmente superavam a violência masculina, movidas por esse poder imaginário, essa limpeza racial a serviço do Führer e da pátria", comenta Maura.

Em um paralelo com os dias atuais, a pesquisadora afirma que o paradigma se repete através de muitos exemplos. Um dos mais emblemáticos são as mulheres que se alistam no Estado Islâmico ou em outras células terroristas. "Muitas optam por ser bombas humanas." Segundo ela, isso está ligado a essa projeção de querer ser reconhecida a todo custo e, pior, o fanatismo comanda essas mentes. Ocorreu na Segunda Guerra e continua até hoje.

### Modelo ariano

Ainda no decorrer do 3º Reich, já na sua segunda fase, o doutrinação nazista deixou a mulher como base para a continuação da raça ariana. Elas eram "selecionadas" para casarem com oficiais da SS, e essa seleção, rigorosa, deu origem ao Programa Lebensborn, que consistia em buscar crianças e jovens

com características físicas, de acordo com os padrões raciais nazistas. Como as alemãs nem sempre fossem consideradas "ideais", eles passaram a fazer essa "busca" nos povos dominados, em especial, entre poloneses. Era necessário que elas fossem altas, brancas e tivessem olhos azuis e nariz aquilino.

As "mulheres perfeitas" eram encaminhadas às escolas para noivas, segundo Maura, "uma das coisas absurdas, fúteis e sem sentido que existiam durante o Nazismo". Vale destacar que, como até então, a atuação da mulher dentro do lar era considerada de extrema importância e de grande valia. Elas tinham aulas de culinária, economia doméstica, agricultura e também de puericultura, para cuidar dos filhos. "Deviam ainda ter boa aparência física, ter saúde mental, desempenhar funções ligadas ao bom funcionamento da casa, como limpeza, organização, cozinhar e, principalmente, gerar muitos filhos arianos, o que lhes rendiam prêmios, congratulações e títulos."

A pesquisadora compara esse fato com o Facebook de hoje em dia, em que as mulheres aparecem de forma exemplar e, muitas vezes, vivem uma vida vazia. "Muitas colocam fotos com efeito, parecem sempre felizes, têm o corpo perfeito, o cabelo bem tratado e o rosto bonito. Essa é uma forma de



ser ariana, uma maneira de falar 'eu sou melhor', afirma. Pior ainda: os grandes líderes de facções criminosas de hoje têm uma legião de fãs; alguns deles têm o harém particular. Como se vê, a mulher contemporânea, em muitos aspectos, continua da mesma forma que a da época do Nazismo.

Então, as famílias perfeitas tinham à frente uma esposa também "perfeita", que não reclamava de nada, mesmo quando o marido bebia, tinha amante, era violento. Ela suportava tudo com naturalidade. "As agressões domésticas eram devidamente camufladas e justificadas, exatamente como hoje. 'Ele estava alcoolizado.' 'O trabalho o tem deixado muito nervoso.' Em contrapartida, havia aquelas que trabalhavam e ganhavam um terço do que o homem recebia, mas se submetiam, sem queixa alguma", acrescenta.

### Corrupção lá e cá

Na busca pela independência profissional, quatro grandes grupos de mulheres se destacaram no Nazismo. O das professoras, que tinha como missão doutrinar crianças na supremacia racial e, ao mesmo tempo, identificar os seres subumanos, principalmente os judeus. O segundo grupo era formado pelas secretárias, que desempenhava um papel importante nos escritórios

do Reich. De acordo com Maura, através de documentos, elas participavam ativamente das operações sigilosas e comprometedoras de seus superiores. Ela não tem dúvidas de que esse grupo continua ativo hoje em dia, por exemplo, as mulheres envolvidas no esquema de corrupção da Petrobras, que vêm sendo investigadas pela Operação Lava Jato.

O terceiro grupo é aquele que atuou diretamente no genocídio, e era formado pelas enfermeiras. Elas eram as responsáveis pelas injeções letais em deficientes, pela condução de milhões de prisioneiras às câmaras de gás e a participação em experiências médicas. "A semelhança dessas profissionais da época com o nosso sistema de saúde atual, é que a mortalidade é grande, consciente ou não!", enfatiza a escritora.

O último grupo é o mais repulsivo de todos. Eram as mulheres que tinham fascinação pela tortura e pela crueldade. "Sua brutalidade era igual ou maior que a dos homens. Misteriosamente, muitas delas eram mães. Mães que exterminavam outras mães com seus filhos. Em doses excessivas de sadismo, essas mulheres agiam dentro de uma legitimidade insana", destaca Maura. Na sua avaliação, existe uma linha tênue entre o bom senso e a insanidade reinante ainda nos dias atuais. 